

Bárbara Barbosa  
Carlos Malaquias

## APRESENTAÇÃO

A pandemia provocada pelo vírus Covid-19 reafirmou uma máxima da história da saúde, a de que as doenças são também fenômenos sociais. Assim, assistimos, desde os primeiros momentos e efeitos do fenômeno pandêmico a uma rápida resposta das ciências humanas no sentido de tentar interpretar como as sociedades reagiram às drásticas alterações que repercutiram nas esferas econômicas, políticas e culturais. Buscando explicar os traumas do tempo presente, foi necessário procurar qualquer experiência análoga, no passado, para um diálogo com os ineditismos que experimentávamos em 2020. Reflexo deste quadro que observamos no Brasil e em vários países é o dossiê que apresentamos à comunidade. Reunimos trabalhos em torno das doenças e epidemias, referente aos mais diversos períodos históricos e abordagens. De maneira multidisciplinar, cientistas da história, sociologia, psicologia, letras e pedagogia trouxeram à luz um variado conjunto de reflexões e propostas para a sociedade. Encontramos discussões sobre a presença das doenças na literatura e nos discursos presentes nos artigos “O desengano: Medicina acadêmica e curandeirismo em Sergipe no século XIX”, produzido por Amâncio Cardoso “Entre a biblioteca e a clínica: Patologias no imaginário literário do naturalismo”, de Rodrigo Donizeti Mingotti “Doenças e distopias, doenças nas distopias, distopias nas doenças”, de Amanda Berchez e “Grandes males pedem grandes remédios: A peste num Sermão do padre Antônio Vieira” de Porfírio Pinto. Em torno das práticas de curar e suas instituições apresentamos os textos “Enfermidades e epidemias na América portuguesa: A companhia de Jesus e o combate às Doenças” e “Lepra, doença milenar: A profilaxia da lepra em Santa Catarina (1930-1940)”. O texto “Estratégias de família: Entre a interdição religiosa e a científica à prática da endogamia nas Minas Gerais em fins do século XIX”, de Gabriel Afonso Vieira Chagas, propõe um exame sobre o impacto social da produção do conhecimento médico da sociedade mineira. Uma reflexão

panorâmica sobre a historiografia da saúde e escravidão nos é oferecida no artigo “Escritos sobre saúde e escravidão: A saúde dos escravizados, do pragmatismo senhorial no Brasil do século XIX ao novo domínio da história no século XX e XXI”, de Bárbara Barbosa dos Santos e Carlos de Oliveira Malaquias. As imbricações entre a saúde, ciência e a educação são costuradas nos textos “Modelos distintos e conciliações necessárias: Os cuidados com a saúde dos escolares (1910-1930)” dos autores Henrique Mendonça da Silva e Heloísa Helena Pimenta Rocha, “Acorrentado pela lepra: O leprosário de Marituba em meio às práticas de cura e educação (1940- 1970)” escrito por Moises Levy Pinto Cristo em parceria com Maria do Perpétuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França, e “A abordagem histórica da saúde em livros didáticos de ciência: um olhar para o PNLD/2017” produzido por Jéssica Amanda Lourenço dos Santos, Natália Lami Zanettini, Fabíola Rodrigues Oliveira do Nascimento e Rafael Cava Mori. A recente discussão que orbita a arquitetura da saúde está inscrita no estudo “Da casa de hospitalidade ao hospital: Arquitetura e saúde na Europa nos alvores da modernidade” por Joana Pinho. Sobre os conflitos e mazelas sociais intensificados pela pandemia de 2020, o artigo “Baile de máscara não é para preto de favela: Necropolítica, pandemia [NARCO]neopentecostalismo e resistência”, de Rosângela Hilário, Igor Ribeiro e Márcio Caetano, percorre as ambiências do Rio de Janeiro e lança luz sobre o lugar das populações marginalizadas frente as desigualdades e desarranjos da doença, que tornaram mais frágeis as condições dos que já experienciavam a vulnerabilidade. Este Dossiê cumpre a proposta inicial de acolher estudos interdisciplinares na perspectiva de oportunizar debates que perpassam a sociedade, as doenças e epidemias. Na convicção de que esses olhares transmitidos possam motivar outras e novas reflexões, desejamos a todos e todas uma boa leitura.